

MARÉ

DE NOTÍCIAS

75



Uma lona pra chamar de nossa

Em funcionamento desde 2005, a Lona Herbert Vianna é hoje um marco cultural da Maré. Um espaço de arte e lazer que se transformou num ponto de encontro de todas as idades, quebrando barreiras invisíveis e históricas na região, e cada vez mais um território de aprendizagem. **PÁGINAS 12 E 13**

A precária situação da UERJ

PÁGINA 6

Entrevista exclusiva com o novo Secretário de Educação do Rio

PÁGINAS 4 E 5

Maré unida contra a violência — a Marcha do Basta

PÁGINA 9

A luta pela justiça

Após ter ficado paraplégico ao ser atingido por uma bala perdida, na Maré, há 2 anos, Vitor Santiago ainda luta pelos seus direitos. Ele, que já foi bailarino do Corpo de Dança da Maré, e sempre trabalhou, tem batalhado muito para conseguir condições mínimas de tratamento e seguir com a vida. **PÁGINA 8**

ELISÂNGELA LEITE



ELISÂNGELA LEITE

Vai um biscoito aí?

Uma ajuda e tanto. A aventura de quem ganha a vida ou complementa a renda mensal vendendo produtos nas pistas. O risco de acidentes ou de ter as mercadorias apreendidas não assusta os ambulantes das Linhas Amarela e Vermelha, a maioria moradora da Maré. **PÁGINA 11**

EDITORIAL

A morte de Maria Eduarda Alves da Conceição, de 13 anos, baleada dentro da Escola Municipal Jornalista Daniel Piza, em Acari, durante um confronto entre PMs e grupos armados, é inaceitável! A escola deveria ser lugar de aprendizagem, de conhecimento, de alegria, na qual as crianças e adolescentes estivessem seguros e felizes. Escolas públicas têm de oferecer, além de uma educação de qualidade, proteção e tranquilidade aos que ali estão. Vivemos numa guerra insana, “incursões policiais violentas e inúteis”, como disse o Secretário Municipal de Educação Esporte e Lazer, César Benjamin, que nesta Edição, numa entrevista exclusiva, conta como pretende garantir a segurança de alunos nas comunidades cariocas, inclusive na Maré. É inegável que vivemos dias difíceis, a violência tem feito milhares de vítimas. No complexo da Maré, foram mortos ou feridos 26 moradores, somente nesses primeiros meses de 2017. Vitor Santiago, que perdeu uma perna há dois anos, quando voltava pra casa, conversou com a gente sobre a luta contínua para assegurar seus direitos depois da tragédia. Mas como acabar com a sumária execução de pessoas, em sua maioria negra, jovem e pobre? Como estancar essa sanguinária guerra ineficaz de combate às drogas? E o silêncio sobre as responsabilidades e consequências dessa guerra? A Maré quer dar um Basta à Violência! E para isso, conta com todos, com cada um de nós. Um Fórum foi criado e o Jornal Maré de Notícias acompanhou essa discussão, que se desdobrou numa Marcha que acontecerá no dia 24 de maio, às 13 horas, com concentração em dois lugares: na Associação de Moradores do Conjunto Esperança e na Praça do Parque União. Para ajudar nesta reflexão, trazemos outra entrevista com um escritor britânico e sua experiência no Exterior sobre o combate às Drogas, e como ele vê o Brasil nessa insana luta. Para dar uma refrescada na mente, porque ninguém é de ferro, uma matéria sobre a Lona Cultural da Maré, um lugar de encontros das mais diversas tribos, que vêm trazendo alegria, entretenimento e aprendizado para a comunidade. Conheça também o dia a dia de ambulantes que ganham a vida nas Linhas Amarela e Vermelha. Boa leitura e até a próxima Edição!

HUMOR | André de Lucena



EU, LEITOR

“Achei super legal a matéria sobre o Piscinão, na edição 73. Gostei, também, da foto que ilustra o texto sobre o período de matrícula. Parabéns!!!”

Anna Maria Antunes Braga, Diretora do Espaço de Desenvolvimento Infantil Armando de Salles Oliveira, Praia de Ramos

**ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESSE
ESPAÇO É SEU!**

comunicacao@redesdamare.org.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da maré

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda – Maré
Rio de Janeiro – RJ – CEP: 21044-242
Telefone: (21) 3105-5531 / 3104.3276
comunicacao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

act:ionaid

UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Edson Diniz Nóbrega Júnior
Eliana Sousa Silva
Helena Edir

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:

Adriana Pavlova
(Mtb 17614/RJ)
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Roberto de Oliveira
(Mtb 29977/RJ)

FOTÓGRAFA:

Elisângela Leite

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

Mórula_Oficina de ideias

IMPRESSÃO:

Folha Dirigida

TIRAGEM:

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA SEU JORNAL!

O **MARÉ DE NOTÍCIAS** chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o jornal no nosso site: www.redesdamare.org.br

[/redesdamare](https://www.facebook.com/redesdamare) [@redesdamare](https://www.instagram.com/redesdamare)

Yoga – a prática da mente e do corpo

Professora espalha pela Maré uma filosofia de vida

HÉLIO EUCLIDES

O dia a dia movimentado das grandes cidades é barulhento, e com a Maré não é diferente, a poluição sonora é enorme. Para viverem melhor com esta realidade, pessoas se unem numa aula de *yoga*, para relaxar o corpo e a mente. A portuguesa Ana Olívia veio ao Brasil em 2010 e se apaixonou pelo País. Tomou a decisão de morar no Rio e, em 2012, retornou como voluntária de espanhol. Ana Olívia trouxe essa prática para os moradores e, hoje, já consegue realizar aulas em quatro lugares diferentes da Maré.

Na Maré, o amor começou em 2014, com aulas de espanhol. “Mas tive uma vontade de trabalhar a *yoga* aqui, e a Redes ajudou nesse passo. No Centro de Artes da Maré (CAM) tinha um bom horário, então fui convidada a ocupar o espaço”, expõe. Apesar de já ensinar a prática da *yoga* em Nova Holanda, Ana desejava mais. Ela começou a conversar com alunos e surgiram outros espaços na Maré: o Casulo, na Baixa do Sapateiro e a Clínica da Família (CF), na Vila dos Pinheiros. Muitos tinham anseio pelos ensinamentos da *yoga*. “Procurei muito esse curso, e fora da favela a atividade era cara, algo além das minhas posses. Finalmente a Maré tem essa prática, espero que se espalhe ainda mais”, afirma Camila Mendes, de 25 anos, que frequenta o Casulo.



Os benefícios para a saúde

A *yoga* ajuda no bem-estar e na saúde das pessoas. Na Clínica da Família, alguns pacientes têm a prescrição médica de fazer *yoga*. “O psicólogo me encaminhou, o que me fez melhorar da minha gastrite nervosa”, ressaltou Maria Isabel, de 36 anos, que também leva o filho Lucas Santos, de 15 anos, para as aulas. Outro caso de prescrição médica é o de Glória Pacheco, de 42 anos: “o cardiologista indicou por causa da respiração. Algo que trouxe um alívio associado à postura”, conta.

A *yoga* é uma filosofia de vida, recomendada para todas as idades, que engloba mente e corpo. A técnica trabalha a transformação, a reeducação alimentar, a consciência do praticante, algo diferente de uma ginástica. Ao contrário do que muitos pensam a *yoga* não almeja o limite do corpo, mas, sim, o trabalho dele. Uma técnica que respeita o corpo de cada um. “É maravilhosa essa hora, pois me

faz viver melhor”, conta a aluna do CAM, Edith Castro, de 73 anos. Ana associa a *yoga* a uma reeducação do corpo. “Depois que entrei, melhorei a postura e a alimentação. Perdi peso e me reeduquei, antes não conseguia fazer uma dieta”, comenta Solange Sena, de 40 anos, que é aluna na CF.

Ana, nessa trajetória, é voluntária na Maré, e tem a sua sobrevivência de aulas ministradas em outros lugares da cidade, como na Zona Sul. “Pretendo conseguir um financiamento para ficar mais tempo na Maré. Podemos abrir uma vaquinha *online* e expandir a criação de produtos com a marca “*Yoga na Maré*”. Hoje temos almofadas terapêuticas para olhos e cintos para as aulas. Para Ana, o objetivo é abrir portas para uma vida melhor, com mais consciência, benefícios e vida saudável. Ela também deseja que a favela não seja reconhecida pela violência. “A Maré não é só tiro, algo que se mostra na televisão. Aqui



A *yoga* é uma filosofia de vida, recomendada para todas as idades, que engloba mente e corpo

as pessoas são guerreiras, lutam cada uma com sua profissão”, argumenta. A aluna Sheila Vieira, de 38 anos, acredita que a *yoga* colabora com a calma nos espaços. “A *yoga* me traz paz de espírito, condição física, melhora a postura, e posso me socializar com as pessoas; no ambiente em que moro, é tudo o que eu preciso”, relata Sheila. Hoje as turmas estão completas, com 35 alunos no CAM, 19 na Redes, cinco no Casulo e 13 na Clínica de Família.



DIAS, HORÁRIOS E LOCAIS DA PRÁTICA DA YOGA

QUARTAS-FEIRAS:

- 14h — Redes da Maré
- 16h — Casulo — Rua Canaã, Baixa do Sapateiro.
- 17h30 — CF Ministro Dr. Adib Jatene — Av. Bento Ribeiro Dantas, Vila dos Pinheiros.

SEXTAS-FEIRAS:

- 9h30 — Centro de Artes da Maré (CAM)



Secretário de Educação Esporte e Lazer do Rio de Janeiro cria um grupo de trabalho pra tratar de escolas situadas em zona de conflito

A luta pela educação na Maré

Um histórico do que foi conquistado e do que ainda é necessário conquistar no ensino

ROBERTO OLIVEIRA

A ampliação do acesso à educação, iniciada no Brasil na década de 1980, não significou, ainda, o ingresso de todas as crianças e adolescentes na escola. A batalha por mais escolas na Maré teve início com a luta das associações de moradores, que reivindicavam a construção de mais unidades educacionais para a população que crescia na região. Até a década de 1980, havia cinco escolas públicas da Rede Municipal na Maré: Escola Municipal Bahia (fundada em 1936), IV Centenário (1958), Armando de Salles de Oliveira (1961), Nova Holanda (1962) e Tenente General Napion (1972).

A construção dos primeiros CIEPs

Aliando a luta dos moradores e o programa do Governo do Estado que previa a construção de 500 Centros Integrados de Educação Pública, foram criados seis CIEPs, número insuficiente para o atendimento a toda a população

em idade escolar. Em 19 de maio de 2012, o movimento a “Maré que Queremos”, formado por instituições locais, entregou ao Prefeito da cidade um Documento elaborado coletivamente que reivindicava, dentre outros direitos, mais escolas, sobretudo de Educação Infantil e Creches. Atendendo a solicitação, a Maré foi considerada área prioritária no programa de reestruturação da Rede Municipal de Ensino, que previa a construção de novas escolas para implantação do turno único, proposta pedagógica que garante aos alunos 7 horas e 30 minutos diários de aulas (educação integral).

A educação na Maré hoje

Com essa nova configuração, temos atualmente na Maré 44 unidades escolares da Rede pública municipal, que ainda, por diversas razões, não estão funcionando plenamente. Há muitos obstáculos a serem vencidos: a constante suspensão das aulas por causa da violência, o preconceito contra a favela e seus moradores, o envolvimento de profissionais da

educação com a realidade dos alunos e o ensino em turno único em todas as escolas. Para refletir sobre todos esses problemas que a educação passa dentro da Maré, conversamos com César Benjamin, sociólogo e cientista político, que assumiu em janeiro deste ano a Secretaria Municipal do Rio de Janeiro. Ele tem 62 anos, uma carreira política que inclui o combate ao regime militar nos anos 1960, e agora tem como desafio administrar a maior Rede de Educação da América Latina.

MN — Como o Senhor encara o desafio de assumir a Secretaria de Educação do Município, junto com as pastas de Esporte e Lazer?

CÉSAR BENJAMIN — É uma estrutura gigantesca, de enorme complexidade. É preciso, em primeiro lugar, manter em funcionamento tudo o que já existe e, só a partir daí, ir concebendo coletivamente as mudanças que se mostram necessárias. A fusão da pasta de Esportes e Lazer com a Educação poderá permitir uma grande aproximação das Vilas Olímpicas com a Rede

Municipal de Educação. Hoje, as escolas usam as vilas olímpicas, mas ainda não é um processo planejado, feito em grande escala. Imagino que, em breve, possamos ter uma base para também reintroduzir o Programa de Saúde nas Escolas, que cuide da saúde dos bebês nas creches.

Qual a prioridade da Educação nesse governo?

CÉSAR BENJAMIN — Enfrentar o analfabetismo funcional. Não é só prioridade, mas garantir que nossos alunos dominem a escrita, a leitura e os fundamentos da Matemática na idade certa é uma meta estratégica decisiva. Uma criança que chega à pré-adolescência sem saber ler, escrever ou somar está próxima de ser descartada. O horizonte de alternativas de vida para ela já foi muito estreitado. Provavelmente, vai ser uma pessoa com uma inserção irregular no mercado de trabalho, vivendo na informalidade ou no desemprego. Vamos montar um “time” de dois mil professores alfabetizadores, que vão se especializar nos anos iniciais, criando uma metodologia bem estruturada, que nos dê a relativa garantia de alcançar 100% de alfabetização no segundo ano do ensino Fundamental. Já reunimos 50 desses professores para começar o processo. Neste exato momento, estamos cuidando de infraestrutura, porque herdamos uma Rede na qual não houve conservação de escolas nos últimos dois anos. Acabamos de iniciar um censo escolar que vai abordar os problemas de infraestrutura e também do ensino. Enviamos um questionário com 96 perguntas para os diretores de nossas escolas.

As comunidades da Maré são marcadas pela violência institucional. Como transformar a escola num espaço onde se promova e amplie o acesso aos direitos?

CÉSAR BENJAMIN — Eu sei que nós temos uma sequência de problemas a enfrentar: garantir a matrícula, a permanência, a equidade e a qualidade. Nós temos de atacar essas quatro frentes, matrículas para todos, fazer com que todos permaneçam nas escolas, torná-la um espaço de nivelamento de oportunidades, na medida do possível, e dar às nossas crianças e jovens um ensino de boa qualidade. Nós já estamos fazendo uma série de reuniões sobre isso.

Existe algum plano para garantir a segurança dos estudantes e dos professores das escolas que ficam em comunidades que são constantemente alvo de confrontos armados e operações policiais? Quem pode se responsabilizar pelo funcionamento da unidade escolar e como se

comunicar com pais e mães que precisam deixar os filhos nas escolas antes de irem trabalhar e ficam sem saber se o diretor manterá ou não o aluno em suas dependências?

CÉSAR BENJAMIN — Vamos montar um plano de trabalho específico para tentar reduzir o impacto da violência nas escolas localizadas em áreas de conflito. Eu pretendia abordar a questão da violência um pouco mais à frente, porém, a realidade da Maré, por exemplo, se impôs. Criamos um Grupo de Trabalho para dar conta da tarefa de estabelecer, no mínimo, alguns critérios e regras de convivência para as escolas situadas nas áreas em conflito, por exemplo, quando fechar ou manter as unidades em funcionamento, porque os diretores acham perversa a autonomia dada a eles para esse tipo de decisão. No caso

“

Eu sei que nós temos uma sequência de problemas a enfrentar: garantir a matrícula, a permanência, a equidade e a qualidade”

CÉSAR BENJAMIN, SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO ESPORTE E LAZER DO RIO DE JANEIRO



específico da Maré, houve a construção de várias escolas novas que foram inauguradas no final do ano passado. A Prefeitura anterior optou por uma técnica chamada Drywall, que é a aplicação de uma fina camada de gesso nas paredes. É uma maneira muito barata e também muito rápida de construir, mas esse gesso é facilmente perfurado por projéteis, especialmente fuzis. Um tiro de fuzil ultrapassa várias salas da escola e isso não pode ser tolerado. Uma forma de nossas crianças continuarem a estudar, mesmo que as escolas estejam fechadas por algum conflito, é usar uma plataforma de ensino a distância, pois muitos alunos têm acesso à internet.

Tem alguma alteração prevista para o sistema que administra as escolas? A Maré, por exemplo, com 139 mil moradores, tem mais escolas que uma das Coordenadorias Regionais de Educação (CRE). Será que não é hora de pensar em uma CRE própria?

CÉSAR BENJAMIN — Talvez não uma Coordenadoria própria, mas é preciso, sim, que haja essa reestruturação, uma revisão, por exemplo, da Coordenadoria na qual a Maré se encontra ou, quem sabe, a criação de uma Gerência própria. Isso é previsto, inclusive, em Decreto baixado no início da gestão do Prefeito Marcelo Crivella. Nós já estamos em processo de implantação dessa Gerência, que, a princípio, terá quatro pessoas.

O senhor estudou em uma das melhores escolas públicas do Rio de Janeiro, o Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o CAP UFRJ. Como é, em sua opinião, uma escola pública de qualidade?

É verdade, estudei durante toda a vida em escolas públicas. Acho que uma escola de qualidade é exatamente a que lança no aluno semente de gostar de estudar, as bases do seu conhecimento e, em consequência, do seu futuro.

O projeto “Escolas do Amanhã” está mantido na sua gestão? Na Maré tem muitos professores que trabalham entre 16 e 22 horas, como ficam esses professores com o horário integral?

CÉSAR BENJAMIN — Nem todas as escolas da Maré estão ainda em horário integral, mas certamente até 2020, quando a grande maioria das 1537 escolas do Município deverá estar em horário integral, nós vamos adequar os horários e organizar a vida dos professores, com muita discussão, conversas e diálogos. Quanto ao projeto “Escolas do Amanhã”, estamos ainda estudando o projeto como um todo.

A crise no estado e a paralisação na UERJ

A situação precária da primeira Universidade Pública a ter cotas no Brasil

ROBERTO DE OLIVEIRA

Estamos no final do primeiro trimestre, mas para os alunos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, a UERJ, o ano letivo de 2017 ainda não começou. Em condições precárias devido à crise no Estado do Rio de Janeiro, cujas principais razões apontadas são a queda na arrecadação dos royalties do petróleo, a corrupção e a instabilidade política, os diretores e a Reitoria da Universidade dizem que o funcionamento está precário.

A estrutura mínima de funcionamento da Universidade está comprometida. Segundo a professora Lia Rocha, que faz parte da AS-DUERJ (Associação dos Docentes da UERJ), os elevadores não funcionam, o restaurante universitário (bandejão) está fechado e alguns servidores terceirizados de limpeza e segurança estão em greve



FOTOS: ELISÂNGELA LEITE

está cursando o último período de Ciências Econômicas e também pretende fazer Geografia, já que foi aprovada no ano passado. Ex-estudante do curso pré-vestibular da Redes da Maré, Thaís afirma que essa já é a terceira ou quarta crise que enfrenta nos anos em que estuda na Universidade. “Eles só tomam medidas paliativas e, infelizmente, essa não é a primeira e nem será a última vez que enfrentaremos problemas assim”, diz a aluna, que ainda não tem previsão para terminar o Curso.

CARLOS EDUARDO GOMES, 35-anos, é outro aluno que ainda não teve a primeira aula de 2017 na unidade acadêmica da UERJ, em Duque de Caxias. Ele, que está matriculado no Curso e Pedagogia, diz que o sentimento é ao mesmo

tempo de resistência e frustração: “a expectativa de me formar é para trazer conhecimento para a comunidade e o Governo ao não cumprir suas obrigações está me “podando” e excluindo esse direito que é nosso”, afirma o estudante que também possui um salão de cabeleireiro em Nova Holanda.

Numa assembleia os professores e funcionários da UERJ decidiram voltar às aulas. No site uma nota aos alunos diz que “diante das opções que se ofereciam de iniciar ou não o segundo semestre letivo de 2016, Reitoria, ouvido o Fórum de Diretores, entendeu que precisávamos retornar às aulas e começar, no dia 10 de abril de 2017, 2016-2, considerando tanto o avanço no restabelecimento das condições mínimas de limpeza e de segurança, quanto a preocupação com o prejuízo que os sucessivos adiamentos vêm impondo aos nossos estudantes, em especial, os de graduação e os do CAP”. Setores da UERJ permanecem abertos, como o atendimento à saúde feito pelo Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) e a Policlínica Piquet Carneiro (PPC) que, segundo a Reitoria, continuam atendendo à população.

Os professores da UERJ decidiram continuar realizando atos e manifestações contra a crise na Universidade, uma delas em frente à casa do Governador Luiz Fernando Pezão, no início de abril.

por falta de pagamento. Os próprios professores estão recebendo salários com atraso. “Acabamos de receber o salário de janeiro. Fevereiro e março a gente não sabe como vai ser”, diz Lia Rocha.

A precariedade

O restaurante universitário não funciona, assim como os elevadores. Os funcionários estão há meses sem receber salários em dia, e ainda há atraso no pagamento das bolsas aos estudantes cotistas. Com isso, a Universidade que foi uma das primeiras do País a por em prática a Lei de Cotas e não consegue oferecer as aulas com a qualidade que merece.

THAÍS JESUS CUSTÓDIO, mora com os pais no Parque União. Matriculada na UERJ desde 2011,

“
O Governo ao não cumprir suas obrigações está me ‘podando’ e excluindo esse direito que é nosso”

CARLOS EDUARDO GOMES, ESTUDANTE



Escola pública, laica e democrática: um projeto inacabado e ameaçado

CARMEN TERESA GABRIEL

DIRETORA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFRJ

Uma escola pública laica, democrática e de qualidade para todas as crianças brasileiras em idade de escolarização ainda é um sonho a ser alcançado, um projeto inacabado em pleno Brasil do século XXI! Essa afirmação não pode nos deixar indiferentes quando sabemos das consequências nefastas dessa situação para a construção de um projeto de país mais solidário, mais igualitário. Afinal, como pensar em justiça social sem justiça cognitiva, isto é, sem a distribuição democrática do bem-conhecimento?

Com efeito, o acesso e, sobretudo, a permanência de crianças e jovens nas instituições escolares é um enorme desafio para as políticas educacionais. Embora seja necessário reconhecer avanços significativos nos últimos quinze anos, ainda há muito por fazer. Não é por acaso que diferentes metas do Plano Nacional de Educação em vigor estão voltadas para a criação de condições reais para que sonhos e promessas possam sair do papel.

Inacabado, o projeto de construção de uma escola democrática para a Educação Básica se encontra nos dias de hoje igualmente ameaçado pelas tentativas de desqualificar as instituições públicas de formação — escola e universidade — afirmando seu fracasso ou incompetência em suas funções sociais, econômicas e políticas, em particular, segundo seus críticos mais ferrenhos,

no que diz respeito à função de qualificação para o mercado de trabalho.

Sem negar “o que ainda precisa ser feito”, vivemos tempos em que o que está em jogo é a possibilidade de assegurar as conquistas já realizadas. Isso pressupõe um estado de vigilância crítica permanente, para não nos deixarmos enfeitiçar pelo “canto da sereia” vindo de vários horizontes e ecoando em muitas propostas de reformas curriculares sob a forma de diretrizes, bases ou medida provisória que, tal como muitas vezes apresentadas e veiculadas pela mídia, parecem distribuir o remédio miraculoso para todas as mazelas do campo educacional.

Entre essas “soluções” que circulam em diferentes espaços de debate, destacam-se o aumento do tempo na escola da Educação Básica e as propostas curriculares voltadas para a formação inicial dos professores. Ambas as soluções tocam pontos sensíveis que são objeto de problematização dos pesquisadores da área de educação. A primeira vem associada ao debate sobre tempo integral; a segunda se sustenta nas duras críticas aos currículos de licenciatura. Trata-se de questionar não a necessidade da reflexão ou do questionamento, mas a forma como vêm sendo feitos.

Ficar mais tempo na escola para fazer o quê? Se considerarmos as condições precárias da grande maioria das escolas públicas em termos de recursos materiais e

humanos, a efetivação do tempo integral implicando a permanência física mais longa das crianças no espaço escolar pode ter como efeito a ampliação do fracasso escolar. Como garantir a melhoria da relação com o mundo, com os outros e consigo mesmo apenas assegurando a presença física da criança na escola? Como fazer com que a implementação do tempo integral possa efetivamente contribuir com o desenvolvimento da criança e inscrevê-la de forma plena como recém-chegada neste mundo? Enquanto a escola pública for associada à escola *de e para o* pobre, isto é para os grupos historicamente esquecidos e silenciados pelo poder público — e continuar sem investimentos sérios e permanentes por parte do Estado — essa solução sedutora pode ser uma grande armadilha.

Do mesmo modo, o debate sobre a qualidade da formação inicial dos docentes é pertinente e precisa ser enfrentado. No entanto, é preciso estar claro a quem interessa esse debate. Um pretexto para reafirmar a ineficiência da universidade pública, justificando a sua condenação e desmonte? Uma disputa entre diferentes concepções *do que é e do que não é* um professor de qualidade? Um mero transmissor de conhecimentos, que basta dominar técnicas pedagógicas, ou um profissional que produz, mobiliza e articula diferentes saberes? Como pensar em melhorar a formação de professores e continuar a desqualificar a sua cultura profissional?

Uma mera guerra de interpretações ou uma luta pelo mundo que queremos?

DIVULGAÇÃO



“

Se considerarmos as condições precárias da grande maioria das escolas públicas em termos de recursos materiais e humanos, a efetivação do tempo integral implicando a permanência física mais longa das crianças no espaço escolar pode ter como efeito a ampliação do fracasso escolar”

O caso de Vitor Santiago

Passados dois anos após ter ficado paraplégico por ter sido baleado por soldados do Exército na Maré, Vitor Santiago ainda espera por justiça

ANDRÉA BLUM

Madrugada de quarta-feira, 12 de fevereiro de 2015. Vitor Santiago, então com 29 anos, voltava para casa com amigos. Soldados do Exército ocupavam, naquela época, vários pontos da Maré e faziam revistas ostensivas aos moradores. Vitor e seus amigos já tinham passado por uma delas naquela noite, na altura da Vila do João. Tudo certo. Carro liberado. Porém, um pouco mais a frente, quando entraram em uma rua no Salsa e Merengue, começaram a ouvir tiros. Muitos tiros. Não havia uma razão aparente nem aviso anterior de advertência. Levou um tempo até que os cinco amigos entendessem que o carro em que estavam era o alvo dos muitos disparos que acabaram deixando Vitor paraplégico. Após pouco mais de dois anos do ocorrido, Vitor recebeu a equipe do **Jornal Maré de Notícias** em sua casa para contar como tem vivido desde então e os desafios que vem enfrentando.

Focado, otimista e com muita disposição, Vitor lembra que voltou para casa apenas em maio, após ter uma perna amputada e passar mais de 40 dias no hospital. Ele, que já foi bailarino do Corpo de Dança da Maré e sempre trabalhou, tem batalhado muito para conseguir condições mínimas de tratamento para seguir com a vida e, como ele diz, ver a filha Beatriz, de 4 anos, crescer. “Minha mãe falou com muita gente para buscar meus direitos. Foi a vários lugares.

Disseram que o Ministério Público ia cuidar, mas nada aconteceu. Pelo contrário, havia apenas um inquérito interno do Exército que me colocava como testemunha, e não como vítima”, conta.

A partir desse momento, Vitor resolveu dar outro rumo para as coisas e lutar pelos seus direitos. Ele fez um vídeo contando toda a história e colocou na internet. A partir daquele momento, muitas pessoas começaram a ajudá-lo. “Eu não tenho nada do Estado, nada do governo. Qualquer coisa que eu precise fazer de tratamento, ir num médico, de um transporte, tenho de pagar do meu bolso. As pessoas da comunidade, outras que nem me conheciam e os meus amigos me ajudaram com fraldas, uma cadeira de ro-

das e fisioterapia”, recorda. Agora, Vitor conta com a ajuda de um advogado que o procurou para assessorá-lo e abriu um processo para investigar os fatos e obter do Estado medidas que ele acredita ser de ‘direito e dever’ diante do que aconteceu. “Uma indenização não vai substituir o que eu perdi. Minha medula não vai voltar ao normal. Mas não quero que as coisas fiquem sem investigação e sem justiça. Não quero que aconteça a impunidade”, disse.

Para sua mãe, Irone Santiago, de 52 anos, que deixou a profissão de costureira para cobrar os direitos do filho, as pessoas não podem ficar quietas e apenas aceitarem. É preciso exigir os seus direitos e cobrar. “O problema é que as pessoas têm medo, se sen-

tem coagidas. Não podemos nos calar. Temos de reagir. Temos de nos unir. Se toda a comunidade resolvesse se unir, os abusos não aconteceriam. Eu decidi ser a voz do meu filho. Eu não aceitei e não vou desistir. Afinal, quanto tempo um pai e uma mãe têm de esperar por justiça? E você ainda tem de provar que seu filho não é um marginal. Isso é o pior de tudo.”

Vitor deixa uma mensagem às pessoas que passam por situações similares, de abuso de poder e violência e vivem em comunidades: “o morador de comunidade é muito estigmatizado, mas não pode se inibir, se sentir reprimido. Quero encorajar as pessoas a falarem, a denunciarem e a lutarem por seus direitos, que são de todos nós”.

Vitor com sua mãe Irone, que deixou seu trabalho de costureira para **lutar pelos direitos** do filho



Fórum basta de violência! Outra Maré é possível

Movimento reúne instituições e moradores da Maré pelo direito à vida

ROBERTO DE OLIVEIRA

No último dia 15 de fevereiro, Fernanda Pinheiro, uma menina de sete anos, morreu no Parque União. Ela estava brincando na laje de sua casa quando foi atingida por uma bala de fuzil. A munição veio de um confronto entre grupos civis armados que estavam a 2 km de distância da casa de Fernanda. A menina é uma das 13 vítimas fatais da violência no complexo da Maré, apenas nesses três primeiros meses de 2017.

As operações policiais também deixam marcas graves na favela da Maré, assim como em outras comunidades do Rio de Janeiro, onde o combate às drogas é indiscutivelmente ineficaz, visto o número altíssimo de mortos e feridos. No ano passado, os dados da violência na Maré mostram que ocorreram 33 operações policiais, com a morte de 17 pessoas. Só nos primeiros três meses desse ano, foram 14 operações (uma delas com sete dias de confrontos entre os grupos armados) que vitimaram 29 pessoas, sendo que 26 eram moradores da Maré e três policiais.

Com o objetivo de mobilizar a população da Maré e discutir formas de evitar que vidas se percam em função da violência, foi criado, em março, o Fórum Basta de Violência! Outra Maré é Possível. Aos encontros comparecem representantes de igrejas, associações de moradores, serviços públicos de saúde e de educação, conselho

tutelar e todos os interessados em viver em paz nas favelas e defender a vida. A próxima reunião acontecerá dia 17 de abril, às 10h, na Escola Municipal Bahia.

As reuniões são abertas e procuram soluções com a escuta e o acolhimento de diversas vozes em múltiplos espaços da Maré. Já foram realizados encontros na Escola Municipal Bahia, na Lona da Maré e na sede da Organização Luta Pela Paz. Irone Santiago, mãe de Vitor Santiago, é uma moradora que participa do Fórum para contribuir com a exposição desse problema para fora dos limites da comunidade. “A importância do Fórum pra mim é fazer com que as pessoas que sofrem violações

“

A importância do Fórum é fazer com que as pessoas que sofrem violações por parte do Estado possam encontrar portas abertas para acolher seus problemas”

IRONE SANTIAGO,
MÃE DE VITOR, UMA DAS VÍTIMAS
DA VIOLÊNCIA NA MARÉ



Aos encontros comparecem representantes de igrejas, associações de moradores, serviços públicos de saúde e de educação, conselho tutelar e todos os interessados em viver em paz nas favelas e defender a vida

por parte do Estado possam encontrar portas abertas para acolher seus problemas. Ao invés de se calarem, que denunciem e apareçam”, diz. (Leia a matéria exclusiva com Vitor Santiago na página ao lado).

Com a participação coletiva, o Fórum Basta de Violência! Outra Maré é Possível está organizando um ATO PELA VIDA, previsto para acontecer no dia 24 de maio, às 13h, com concentração em dois lugares: na Associação de Moradores do Conjunto Esperança e na Praça do Parque União.

Douglas Viana, de 25 anos, também participa do Fórum e colabora fazendo contato com as igrejas e escolas particulares da Maré. “Encontrei adesão à causa na maioria das escolas, pois os diretores entenderam que quando há violência na comunidade, pode atingir tanto escolas e instituições públicas como particulares”, disse o mobilizador, que visitou mais de 13 escolas da Baixa do Sapateiro e do Parque União.

O maior desafio, segundo Jailson de Souza, diretor do Observatório de Favelas, uma das organizações da Maré que participam do Fórum, será propor soluções inovadoras para enfrentar o problema da violência. Os efeitos da violência como dias sem acesso a serviços públicos e comércio, mortos e feridos, trabalhadores de licença por motivos físicos e psicológicos, assim como pacientes que deixam de comparecer a postos de saúde para realizar procedimentos e médicos reforçam o argumento defendido pelo Fórum: outra Maré não só é possível, mas também necessária.

**FÓRUM BASTA DE
VIOLÊNCIA! OUTRA
MARÉ É POSSÍVEL**

Para entrar em contato ou participar do movimento, você pode curtir e seguir a página do Facebook:

[f/forumbastadeviolencia](https://www.facebook.com/forumbastadeviolencia)

e/ou escrever para o e-mail:
bastadeviolencianamare@gmail.com

Causas e consequências do uso de drogas

Johann Hari não faz apologia às drogas, mas defende políticas menos violentas e mais eficientes para lidar com pessoas que têm problemas com o uso de drogas

MAIRA GABRIEL

O jornalista e escritor britânico **JOHANN HARI** tem 38 anos e está no Brasil para recolher material para a sua mais nova publicação. O livro trata sobre a chamada Guerra às Drogas, suas causas e consequências, por meio da experiência de pessoas que tiveram suas vidas atravessadas por esse processo. E apresenta também diferentes respostas políticas, das mais severas às mais humanas, em vários países do mundo. Johann Hari não faz apologia às drogas, mas defende políticas menos violentas, menos discriminatórias e mais eficientes para lidar com pessoas que têm problemas com o uso de drogas. Ele esteve na Maré, nos dias 16 e 17 de março, para conhecer o projeto “Convivências na Cena da Flávia Farnese”, uma iniciativa da Redes da Maré. Na ocasião, entrevistou alguns moradores e, nós, claro, também aproveitamos a oportunidade e o entrevistamos.

MN — O quê te motivou a escrever esse livro e quais foram as principais descobertas sobre o tema?

JOHANN HARI — O interesse nasceu da minha experiência pessoal. Na minha família tinha pessoas próximas, que eu gostava, com uso problemático de cocaína. Me Questionava sobre as razões delas serem tratadas desta forma.



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Decidi então pesquisar, para saber como era em outros países, como a sociedade cuida, ou não, das pessoas que usam drogas, e se existiam lugares onde era diferente, melhor. Viajei por mais de 17 países e conheci diversas experiências.

MN — Quais foram as suas conclusões?

JOHANN HARI — Primeiro, o oposto da dependência não é a abstinência, mas a conexão, ter algum objetivo e sentindo na vida; segundo, a proibição gera violência, e não as drogas em si; por último, o debate sobre legalização das drogas é muitas vezes mal explicado, legalizar não seria a liberalização geral e descontrolada, isso é o que acontece hoje, mas, sim, regularizar, restabelecer regras, controlar a qualidade, reduzir a violência que é gerada pela proibição. Pense

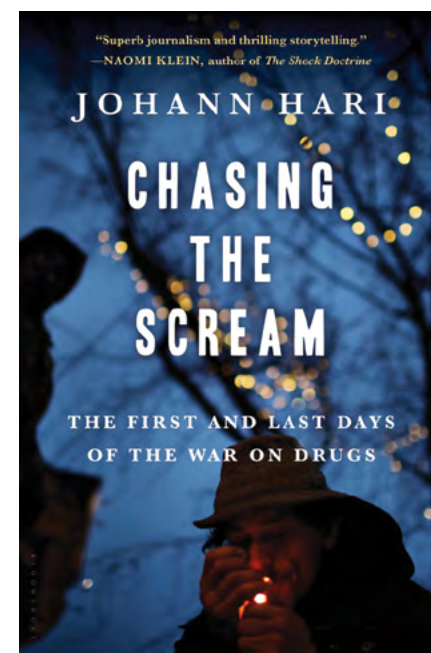
na Lei Seca, na proibição de venda e consumo de álcool nos anos 1920, nos Estados Unidos. Foi um período de extrema violência que não fez desaparecer o álcool, mas colocou sua comercialização na ilegalidade e, por isso, no circuito da violência. Hoje, ninguém morre por levar uma garrafa de cachaça do outro lado da cidade. Penso também na Suíça, onde durante muitos anos havia um problema muito sério com heroína. O Estado decidiu mudar a forma de lidar com o problema, priorizando políticas de saúde pública e de reinserção social. Hoje, não há mais mortes por overdose nem conflitos letais entre traficantes de heroína.

MN — Você está no Brasil para escrever um novo capítulo para a publicação do seu livro aqui, e incluir uma perspectiva brasileira sobre o tema. O que descobriu durante esta viagem?

JOHANN HARI — Eu sabia que existiam desigualdades, violência no Brasil. Mas saber e ouvir histórias de pessoas que sofrem por esta violência é completamente diferente. Não fazia ideia da amplitude da violência e ficou claro, para mim, que o Estado está em guerra contra uma parte da sua própria população. Isso é muito chocante, revoltante. A guerra às drogas virou uma “desculpa” para a ação policial contra as populações mais vulneráveis socialmente e pessoas que moram em favelas.

MN — O que mais te impressionou?

JOHANN HARI — Fiquei muito impressionado com a coragem dos jovens do Coletivo Papo Reto no Complexo do Alemão, que registram as ações da polícia; com a dignidade com a qual os profissionais do Programa de Braços Abertos [em São Paulo] tratam as pessoas que usam crack; com o trabalho da Redes da Maré na cena do crack. É uma questão muito complexa e sem soluções fáceis, mas existem pessoas no Brasil que estão tentando pensar em como poderia ser diferente. Logo que cheguei ao Rio, fui passear no calçadão de Ipanema, e a primeira frase que ouvi foi “oi, amigo, quer cocaína?”. Não dei muita importância na hora, mas voltando da Maré e ouvindo as histórias de como a polícia combate a comercialização das drogas aqui, pensei: não há mais drogas na Maré que em Ipanema. Imagina se a polícia atuasse da mesma forma lá? Seria a maior notícia do dia em todos os jornais do mundo... Um tanque em Ipanema, imagina?



Capa do livro *Chasing the Scream. The First and Last days of the War on Drugs*, título que poderíamos traduzir para “Perseguindo o grito: os primeiros e últimos dias da Guerra às Drogas”, que será publicado no Brasil em 2018.



FOTOS: ELISÂNGELA LEITE



Um trânsito de vendedores

Em torno da Maré, dezenas de pessoas vivem entre carros e motos em busca de sustento

**ROBERTO OLIVEIRA
E HÉLIO EUCLIDES**

Quem passa pelas Linhas Amarela e Vermelha ou na Avenida Brasil percebe dezenas de homens e mulheres se esquivando de carros e motos, carregados de sacos para vender os mais variados itens, como biscoitos, pipocas, pães de queijo, amendoins, refrigerantes, guaraná natural e água. Além do trânsito habitual de automóveis na pista, o tráfego de vendedores ambulantes nessas vias vem aumentando.

São rostos que revelam os dados da estatística: segundo o IBGE, 13% dos 166 milhões de brasileiros em idade produtiva para o mercado de trabalho estão desempregados.

A grande maioria dos vendedores das pistas Amarela e Vermelha são moradores da Maré. Juarez Rodrigues, é um deles, que há cerca de oito anos vende biscoito e pipoca. “Devido ao meu grau de escolaridade

não iria arrumar um trabalho que tirasse o que consigo aqui; algo que dê para sobreviver” relata.

Rodrigues já perdeu quatro colegas mortos no trânsito nesta prática de ambulante. Ele acredita que nesse período de verão exista na Linha Vermelha mais de 100 ambulantes, ou como ele chama, camelôs da pista: “Sempre cabe mais um. No final do ano o número aumenta. Alguns querem comprar uma roupa nova e fazem um bico. Quando acaba o carnaval, diminui bastante o número de camelôs”, desabafa.

Um dos veteranos das pistas é José Alves Gonçalves, de 55 anos, 15 dedicados à venda na Linha Vermelha. “Um dia vi que aqui era um bom negócio, fui um dos primeiros camelôs. Na época, comecei vendendo o antigo biscoito Copacabana, que hoje é o Globo e a fábrica era em Botafogo, onde eu ia comprar. Depois passou para o Centro e agora está mais fácil, compramos na comunidade”, relata. Para ele, o sol forte não é a maior dificuldade. Os motoqueiros são covardes, parece que somos inimigos. Arrumamos

o dinheiro, mas é arriscado. Há oito anos, José foi atropelado na Avenida Brasil e depois do acidente não voltou para essa via.

São muitos os momentos marcantes na vida desses profissionais. Um dos de José, foi quando o seu material foi apreendido. “Fico emocionado quando falo da perda dos produtos e do carrinho, o que aconteceu duas vezes. A Guarda Municipal levou para o depósito e tentei recuperar, mas não deu. Da segunda vez, o material sumiu e, por isso, fiz Boletim de Ocorrência na 21ª DP, e ainda aguardo resposta”, desabafa.

Afonso Vinícius da Silva, de 43 anos, é vendedor das pistas e da areia. Ele explica que carregar a caixa de isopor não é fácil. Num braço, garrafas de água, latas de refrigerantes e o gelo. No outro, biscoitos, salgadinhos e pipocas. “Acabo sendo um malabarista”, resume.

Esse trabalho no trânsito não é exclusivo para homens. Luzinete Santana, de 61 anos, divide as vendas na rua com a limpeza de casas. “Quando não vou para o trânsito, corro para a faxina. A crise trouxe prejuízo pra gente, hoje tem muita concorrência, e no final do dia, às vezes, só consigo R\$ 10,00 de lucro. Esse trabalho é importante, pois é o complemento para o meu sustento”, desabafa.

À direita, a meninada aprende sobre **meio ambiente** às sextas. No topo da outra página, atividade do projeto **Nenhum a Menos**

A Lona Herbert Vianna, espaço cogerido pela Redes da Maré, se transformou nos últimos anos num ponto de encontro de todas as idades, quebrando barreiras invisíveis e históricas na região

Uma lona para chamar de nossa

ADRIANA PAVLOVA

A cenas falam por si. Crianças fazem aula de robótica, música e letramento à tarde. Às sextas-feiras, uma meninada animada descobre mais sobre o Meio Ambiente. Em outros dias, uma garotada atenta mexe e remexe em bicicletas antigas numa oficina de bike, enquanto outra turma também frequenta a biblioteca. Uma sexta por mês é dia rock, mas também tem roda de samba, show de heavy metal, bloco de carnaval e até aulas de culinária para crianças e de dança para adultos. Ali, bem no encontro de três comunidades da Maré — Baixa do Sapateiro, Nova Holanda e Nova Maré — a Lona Cultural Municipal Herbert Vianna pulsa mais viva do que nunca, com atividades capazes de atrair moradores de

diferentes áreas, ajudando a derrubar barreiras invisíveis porém muito concretas de circulação na região.

Em funcionamento desde 2005 e cogerida pela Redes da Maré em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura desde 2009, a Lona é hoje um marco cultural da Maré, um espaço de arte e lazer, mas cada vez mais, um território de aprendizagem. Nos últimos anos, há tanto oficinas ligadas à formação de mão de obra para eventos culturais como para o reforço do vínculo das crianças com suas escolas e com a própria região da Maré. Um projeto amplo, que fez com que meninos e meninas e seus pais passassem a ir e vir por ali com frequência, ocupando um espaço antes usado apenas como palco para shows. Um projeto de ocupação diferenciado, que fez e faz a Lona Herbert Vianna um modelo para toda a cidade, muito embora o repasse de

verbas esteja longe do ideal e a manutenção física ainda deixe a desejar. Hoje, todas e quaisquer atividades na Lona são gratuitas.

“Como uma das missões da Redes é promover um desenvolvimento na Maré que seja unificador, lutando contra as cisões que existem no território, assumir a cogestão da Lona Herbert Vianna foi e é muito importante. Trata-se de um equipamento numa posição estratégica, que, se bem usado e articulado, pode ajudar a diminuir essas divisões”, explica Alberto Aleixo, diretor da Redes e ele mesmo responsável pela coordenação da Lona entre 2009 e 2013. “Neste sentido, foi fundamental entender a demanda das crianças e das famílias da região, criando um espaço onde elas se sentem à vontade para ir e vir, sem barreiras.”

Alberto foi sucedido na coordenação da Lona por Geisa Lino,

que, a partir de 2013, teve a sorte de contar com um período de uma intensa programação de espetáculos oferecidos pelos editais de Fomento Cultural da Prefeitura. No entanto, a partir de 2015, o número de espetáculos caiu e a administração da Lona passou a buscar soluções criativas para fechar a grade de programação. Não raro, os grupos concordam em se apresentar sem ganhar nada. Mesmo assim, é possível fazer uma lista de shows de artistas concorridos.

“Temos um papel de provocadores culturais também. Buscamos nomes consolidados mas também artistas alternativos, além do consumo da favela. Já recebemos nomes como Ava Rocha, Negro Léo, Jards Macalé, B Negão, Chico L”, conta Geisa Lino, que atualmente é coordenadora de espaços de cultura da Redes da Maré.





FOTOS: DOUGLAS LOPES

Nenhum a Menos

A bem-vinda ocupação das crianças na Lona foi se dando aos poucos, com as portas ficando abertas para recebê-las, mas o marco definitivo dessa aproximação data de 2014, quando o projeto Nenhum a Menos passou a ser sediado ali, com atividades diárias para meninos e meninas. A experiência focada no reforço de vínculos entre aluno, família e escola já tinha acontecido durante os anos 2000 no Programa Criança Petrobras na Maré e voltou a acontecer na Lona pela percepção de que, naquela região da Maré, existia um índice muito alto de crianças fora da escola.

“Uma pesquisa demonstrou que ali havia uma evasão escolar muito grande e que a escola não era uma prioridade para as famílias”, explica Inês di Maré Salles, responsável pelo Nenhum a Menos. “São famílias que vivem sob uma forte exclusão de direitos, cujas preocupações imediatas são com moradia, trabalho, violência e saúde. A escola vem depois, daí a necessidade de criar esse vínculo. Por outro lado, as escolas nesse



território não funcionam direito, por causa de tiroteios, falta de água, luz e manutenção, além da ausência dos próprios educadores.”

O Nenhum a Menos se propôs desde o início a ter uma atuação múltipla. Primeiro, buscaram as crianças que estavam fora das salas de aula, fazendo a ponte para o retorno regular às escolas — os Cieps Samora Machel, Vicente Mariano e Elis Regina são os principais parceiros — mas também as engajaram em oficinas diárias de letramento, música e robótica na Lona. Outra parte é contato estreito com os familiares, em reuniões presenciais com assistentes sociais ou em visitas às casas. Atualmente são 40 crianças divididas em dois grupos, de 8 a 10 anos e de 10 a 12 anos, frequentando a Lona de segunda a sexta-feira, à tarde. Além das aulas, outro estímulo é o lanche feito com capricho pela equipe do Maré de Sabores.

A menina Vitória Francisca de 12 anos é uma das alunas regulares do Nenhum a Menos. Moradora da Baixa do Sapateiro, onde vive com a mãe e o irmão, ela e sua família nunca tinham posto os pés na Lona Herbert Vianna até ficarem sabendo das oficinas. Hoje, a mãe só tem elogios ao projeto.

“Os educadores são ótimos, tratam bem as crianças, são preocupados com a família. A Vitória virou outra aluna no Ciep Vicente Mariano. Ela aprende muitas outras coisas, como pintar e fazer pesquisas. Também aprendeu a gostar de ler. Hoje pega livros, conta histórias, mostra figuras”, diz a mãe Leci Freitas, que é auxiliar de limpeza no Espaço de Desenvolvimento Infantil Maria Amélia.

Educação ambiental

Outro projeto que tem muita história para contar na Lona é o “Muda Maré”, parceria da Redes com o Departamento de Biologia da vizinha UFRJ. Desde 2011, o projeto de extensão universitária com alunos de graduação promove a troca de saberes em educação ambiental e agricultura urbana, em diferentes espaços das comunidades da Maré. Em 2012, o grupo chegou à lona e, ali, fincou também uma de suas raízes.

“Os encontros do “Maré que Queremos”, com representantes de todas as comunidades da região, apontaram a necessidade de debates mais aprofundados sobre Meio Ambiente aré, como a importância da ampliação de programas ambientais nas escolas e de um trabalho de manejo do lixo. São demandas da própria organização popular”, diz Júlia Rossi, uma das idealizadoras do projeto.

Em 2017, o tema das atividades é “Cuidado: com a gente, com o outro e com o espaço”. “Vamos retomar o projeto Maré sem Lixo, que

deu certo em 2014. São oficinas em que levamos as crianças para andar pelas ruas da Maré, com o objetivo de conhecer os locais de acúmulo de lixo, de serem apresentadas aos catadores de lixo, que vivem e trabalham ali, além de mostrar o sistema de separação de lixo nestes espaços”, completa Júlia.

Rock já é clássico

Se por um lado a Lona festeja sua ampliação de público, por outro mantém a tradição de ser um importante palco para shows de rock na Maré. Ali, mensalmente, bandas de dentro e de fora da comunidade se encontram para tocar uma noite inteira, sempre com uma plateia fiel, que dificilmente se abala, mesmo com eventuais trocas de tiros entre grupos rivais.

“A Lona fica numa divisa, existe uma resistência por conta disso, mas o público do rock circula bem, transita com facilidade”, opina Diogo Bezerra do Nascimento, do coletivo Rock em Movimento, parceiro da Lona na programação de shows mas também ele próprio um frequentador do espaço. “A Lona é um local fundamental para quebrar estereótipos de música na favela. Na Maré, por exemplo, existe uma demanda tremenda por shows de rock e a Lona cumpre essa função. E hoje ainda é sensacional ver aquele espaço sendo ocupado não só por shows, mas também pela criança-da. A cogestão da Redes trouxe essa boa transformação.”

Mensalmente a lona abre espaço para **shows de rock**





A Lona Cultural Herbert Vianna, ou simplesmente Lona da Maré, é um equipamento municipal que tem a gestão da Redes da Maré. A intenção é desenvolver um projeto de intervenção cultural, com uma programação dinâmica e variada, que oferece oficinas, cineclube, mostras de cinema, espetáculos teatrais e musicais.

OFICINAS REGULARES

PROJETO NENHUM A MENOS

Complementação pedagógica, iniciação musical e robótica.

HORÁRIO: segundas às sextas-feiras, 15h às 16h30 (TURMA 1), 16h30 às 18h (TURMA 2).

LABORATÓRIO VIVO: MUDA MARÉ

Educação socioambiental. Projeto de extensão da faculdade de Biologia da UFRJ.

HORÁRIO: sextas-feiras, 15h.

FAIXA ETÁRIA: a partir de 12 anos.

DANÇA STILETTO

Aula de dança sobre saltos.

HORÁRIO: sábados, 11 às 13h.

FAIXA ETÁRIA: a partir de 14 anos.

OFICINAS EXTRAS

SERIGRAFIA COM OS ALUNOS DE AZULEJARIA

DATA: 11/04 (terça-feira)

HORÁRIO: 16h30 às 18h

SERIGRAFIA COM OS ALUNOS DE DESENHO

DATA: 12/04 (quarta-feira)

HORÁRIO: 15h30 às 17h

SERIGRAFIA COM OS ALUNOS DE FOTOGRAFIA

DATA: 13/04 (quinta-feira)

HORÁRIO: 15h às 17h

VJ/DJ

DATA: 17 a 21/04,

HORÁRIO: 18h30 às 20h.

FAIXA ETÁRIA: a partir de 13 anos.

TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

A LONA CULTURAL HERBERT VIANNA

FUNCIONA NA RUA IVANILDO ALVES, S/Nº MARÉ.

TELEFONE: (21) 3105-6815



CENTRO de
ARTES DA MARÉ

PROGRAMAÇÃO

APRESENTAÇÃO DO BAILARINO E COREÓGRAFO SUÍÇO THOMAS HAUERT + BATE PAPO COM LIA RODRIGUES E SILVIA SOTER

QUANDO: 11/04, às 19h30.

EXPOSIÇÃO "EM TUDO HÁ GENTE, EM TUDO NÓS", na galeria. Reúne trabalhos em fotografias digitais realizadas pelos jovens alunos do Projeto Mão na Lata.

ATIVIDADES REGULARES

INTRODUÇÃO AO BALLE

HORÁRIO: segundas e quartas-feiras, às 17h30.

PÚBLICOS: meninas e meninos, entre 8 e 13 anos.

CONSCIÊNCIA CORPORAL

HORÁRIO: terças-feiras, às 9h.

INICIAÇÃO À DANÇA CONTEMPORÂNEA

HORÁRIO: quartas-feiras, às 9h.

YOGA

HORÁRIO: sextas-feiras, às 9h.

TEATRO EM COMUNIDADES

Parceria com professores da UNIRIO.

HORÁRIO: sábados, às 10h.

INTRODUÇÃO ÀS DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS

HORÁRIO: terças-feiras, às 17h30.

DANÇA URBANA (NÍVEL INICIANTE)

HORÁRIO: segundas-feiras, às 19h.

DANÇA URBANA (NÍVEL INTERMEDIÁRIO)

HORÁRIO: segundas-feiras, às 20h, e quartas-feiras, às 19h30.

DANÇA DE SALÃO

HORÁRIO: quintas-feiras, às 19h.

TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

O CENTRO DE ARTES DA MARÉ FUNCIONA NA RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 181, NOVA HOLANDA, MARÉ

TELEFONE: (21) 31057265

📍/centrodeartesdaclare



FIQUE DE OLHO

O **Maré de Notícias** oferece nessa edição um espaço aberto do que acontece na cidade. Se você visitou algo e deseja dar sua opinião, ou sugerir uma programação gratuita, é só nos enviar.

EXPOSIÇÃO "VIRAGENS" — Mostra com obras da Fundação Edson Queiroz.

ONDE: Casa França-Brasil, Rua Visconde de Itaboraí, 78, Centro. **QUANDO:** Em cartaz até 25 de junho, visitação de terça a domingo, das 10h às 20h. **QUANTO:** Gratuito.

MUSEU DA VIDA — Exposições permanentes, atividades interativas, teatro, vídeo e laboratórios.

ONDE: Campus Fiocruz, Av. Brasil, 4365, Manguinhos. **QUANDO:** De terça a sexta-feira, das 9h às 16h30, e sábados das 10h às 16h. **QUANTO:** Gratuito.

MAM: SUA HISTÓRIA, SEU PATRIMÔNIO — Em exposição permanente, são celebrados os 65 anos do Museu de Arte Moderna.

ONDE: Av. Infante Dom Henrique, 85 — Parque do Flamengo. **QUANDO:** Às quartas a entrada é gratuita.

DIVULGAÇÃO



Entrada da Quinta da Boa Vista

QUINTA DA BOA VISTA — Localizado no bairro de São Cristóvão, é um dos maiores parques urbanos da cidade, com cerca de 160 mil m².

ONDE: Av. Pedro II, s/n — São Cristóvão. **QUANDO:** O Parque abre diariamente das 9h às 17h. **COMO CHEGAR:** Próximo às estações de trem e metrô de São Cristóvão. **QUANTO:** Gratuito.

Um sarau da mulher

Mulheres são homenageadas no Centro de Artes da Maré

**HÉLIO EUCLIDES
E CLÁUDIA SANTOS**

O Centro de Artes da Maré recebeu o Sarau “Marias do Bairro”, um evento com temática feminina. Na noite de 25 de março, integrantes do Curso Pré-Vestibular Redes da Maré se reuniram para comemorar os 10 anos da Instituição, que nasceu no dia 8 de março, data que também é celebrado o Dia Internacional da Mulher.

Para comemorar as duas datas, o evento contou com a participação das equipes de todas as disciplinas do Curso, que abordaram o tema de diversas maneiras. Nas aulas de literatura, os alunos produziram um texto a partir da

pergunta: qual mulher te inspira? E esses textos fizeram parte de uma exposição. Também foram utilizadas fotos de mulheres reveladas em seu cotidiano na Maré, da Mostra de Fagner França, além da exposição do ensaio fotográfico chamado “*B Woman B Girl*”, da aluna Amanda Baroni. A Mostra fotográfica tem como ponto de partida contrastar, numa mesma pessoa do gênero feminino, a expectativa social da mulher perfeita versus o visual mais confortável e despojado do estilo musical “*breaking*”. A partir daí, a artista apresenta a desconstrução de padrões da figura da mulher, por meio da sua inserção no *Hip hop*.

O evento ainda contou com a participação do Coletivo “Madalenas Anastácia”, com a peça teatral “Nega ou Negra?”;

com a pesquisadora, coordenadora da ONG REDEH (Rede de Desenvolvimento Humano) e ativista feminista SchumaSchumacher, que falou sobre o Empoderamento Feminino e as Lutas pelos Direitos das Mulheres.

integrantes do Curso Pré-Vestibular Redes da Maré comemoram 10 anos da Instituição, data que também é celebrado o Dia Internacional da Mulher



FOTOS: FAGNER FRANÇA

TEMOS DIREITOS!

SOMOS DA MARÉ.

O QUE ACONTECEU?

Durante uma operação, um grupo de policiais do BOPE forçou a minha porta e entrou na minha sala. Quando cheguei à sala, disse que eles não poderiam entrar assim, pois estava sozinha com meu filho. Quando eles viram meu filho pequeno chorando (2 anos) eles saíram. Entraram na casa ao lado, e ouvi que eles discutiram com o filho da vizinha, e ouvi também barulho de tapas, saí e disse que eles não poderiam entrar assim na casa dos moradores. Lembrei que li no jornal que tinha de tentar identificar os policiais. Tentei olhar a identificação deles, mas não tinha. Dois policiais usavam toca ninja e todos usavam mochila. Isso é legal? Como identificar o policial nesta situação?

COMO AGIR?

Você agiu de maneira correta. Conforme o art. 5º, inciso XI, da Constituição Federal de 1988, "a casa é asilo inviolável do indivíduo, ninguém nela podendo penetrar sem consentimento do morador, salvo em caso de flagrante delito ou desastre, ou para prestar socorro, ou, durante o dia, por determinação judicial". Esta atuação do policial foi, portanto, inconstitucional e ilegal, pois o policial não informou à moradora se estava em perseguição criminal de flagrante delito. Além do mais, de acordo com o relato, o policial não apresentou nenhum mandado judicial, portanto, não podem entrar na casa de qualquer cidadão brasileiro.

Em regra, os agentes policiais, como qualquer servidor público, devem portar credenciais de identificação. O Regulamento disciplinar da Polícia Militar do Rio de Janeiro informa como transgressão disciplinar do policial "utilizar-se do anonimato" em suas ações. Deste modo, salvo alguma ordem superior ou judicial, o policial não pode deixar de se identificar perante os cidadãos.

Nestes casos, é sempre bom registrar a ocorrência na Delegacia e, se possível, ir à Corregedoria de Polícia se tiver certeza de que foi mesmo um policial que efetivou tal prática. Procurar um advogado, a Defensoria Pública e mesmo o Ministério Público é sempre oportuno nesta situação.

ENVIE SUA PERGUNTA PARA:
comunicacao@redesdamare.org.br

PALAVRAS CRUZADAS DIRETAS

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Nela se toca o berimbau, enquanto ocorrem as lutas	Edifício em construção	Ruído súbito e seco	Precozmente	Peça para natação
		Estado cuja capital é Manaus		Indústria (abrev.)
Que não aceita regras		Tela inicial do DVD		
(?) marítima, faixa do litoral	Os frutos como a laranja e o limão	Corda para roupas	Máximo Divisor Comum (sigla)	
Oferece de presente	Passada por filtro			(?) Gore, político norte-americano
De + ai (Gram.)	Ouro (símbolo)	Íntegra (fig.)		Afiar (a faca)
		A moeda nacional	Sufixo de "fâmula"	
A pessoa que não toma partido	Estudar de novo			A preta simboliza o luto (BR)
		Embalagem de lixo		
Utensílio da lavadeira	155, em algarismos romanos	Avô (red.)	Sílaba de "molde"	
Pê	Silêncio!		Em dia nenhum	
		Encarece		
Ponto mais elevado numa montanha		Local da celebração da missa	Tipo de exame de urina	Logo, em inglês
(?) coisa: isso	Vagários			(?) Pra Contrariar, grupo de pagode
	Consoantes de "sofá"			
Siri e camarão (Zool.)	Armação; mentira			Especialidade dos escoteiros

BANCO. 4/soon, 5/bactia, 6/amolar — estado, 10/arbtrário — crustáceos.

MARÉ DE Direitos

ATENDIMENTO SOCIOJURÍDICO GRATUITO COM PROFISSIONAIS DO SERVIÇO SOCIAL E DO DIREITO.


SEGUNDA-FEIRA | 15H ÀS 18H
SEXTA-FEIRA | 9H ÀS 13H

REDES DA MARÉ

Rua Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda (ao lado da Praça da Nova Holanda)

WHATSAPP:
99924-6462

O WHATSAPP RECEBE FOTOS, VÍDEO E TIRA DÚVIDAS. AS INFORMAÇÕES QUE CHEGAM NO WHATSAPP SÃO MANTIDAS EM SIGILO.



ASSASSIN'S CREED

UM GUIA COM DETALHES EXCLUSIVOS DA PRODUÇÃO DO FILME

Pixel

NAS LIVRARIAS.

Solução

O	N	V	A	S	H	F	V	A
S	E	C	A	C	E	S	R	C
S	O	E	N	T	E	L	I	I
R	N	U	N	V	S	S	E	S
R	A	O	N	O	R	O	T	I
L	W	L	C	L	P			
O	C	S	V	A	C	B	A	C
W	R	L	E	L	E	C		
V	A	T	R	V	N	E	N	
V	A	V	E	T	I	D	A	V
V	A	V	A	D	A	C	O	V
C	W	V	L	V	A	D	A	V
U	N	E	M	V	A	O	R	I
O	A	R	I	T	R	A	I	O
T	P	S	E					